



F[R]ESTAS CULTURAIS E PEDAGÓGICAS NOS MÚLTIPLOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS

CULTURAL AND PEDAGOGICAL F[R]ESTIVITIES IN THE MULTIPLE BOIS-BUMBÁS OF PARINTINS

Carlos Carvalho da Silva¹

Universidade Federal do Amazonas

Resumo: A comunicação visa analisar as transformações do olhar de um pesquisador-celebrante dos Bois-bumbás e refletir sobre as aproximações entre a cultura, educação e os sujeitos detentores de saberes-fazeres de Parintins. A proposta, ou provocação, surge do meu contato inicial em 2005 com os artistas dos Bois-bumbás no carnaval carioca, como jurado do festival em 2022, como espectador de 2023 e, atualmente, como docente na Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. No trajeto metodológico, utilizo minhas interpretações e experiências nos compartilhamentos entre os sujeitos fazedores-sabedores da cultura parintinense. Do mesmo modo, outras bases teóricas que dão suporte na compreensão como as f[r]estas temporais revelam camadas fenomenológicas. Logo, a comunicação abre campos para novas reflexões, análises e desdobramentos na compreensão de como sujeitos e objetos se relacionam nas festividades no Amazonas e outros territórios.

Palavras-chave: Boi-bumbá; Parintins; Festas; Cultura Popular; Pedagogia.

Abstract: The communication aims to analyze the transformations in the perspective of a researcher-celebrant of the *Bois-bumbás* and to reflect on the connections between culture, education, and the knowledge-practices of Parintins' culture bearers. The proposal, or provocation, emerges from my initial contact in 2005 with the *Bois-bumbás* artists during Rio de Janeiro's carnival, from my experience as a festival juror in 2022, as a spectator in 2023, and, currently, as a faculty member at the Federal University of Amazonas, Parintins campus. In the methodological path, I draw on my interpretations and experiences in exchanges with the culture-makers and knowledge-holders of Parintins. Likewise, other theoretical frameworks support the understanding of how temporal f[r]estas reveal phenomenological layers. Thus, this communication opens spaces for new reflections, analyses, and unfoldings in the comprehension of how subjects and objects interact within festivities in Amazonas and other territories.

Keywords: Boi-bumbá; Parintins; Festivals Heritage; Popular Culture; Pedagogy.

¹ Docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Artista inquieto, admirador das boas conversas, acumulador de memórias, provocador de reflexões. Pesquisador-brincante-folião das festas brasileiras e coordenador do Grupo de Pesquisas F[r]estividades Amazônicas. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1672732756422093>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4426-7511>.



1 UM MERGULHO NAS POROROCAS CULTURAIS PARINTINENSES

Introduzo a comunicação com o título *Um mergulho nas pororocas culturais parintinenses*, que reflete a experiência de um espectador-pesquisador no Festival Folclórico de Parintins. Essa reflexão surge do meu contato com artistas dos Bois-bumbás no carnaval carioca em 2005, durante a atuação como assistente carnavalesco. A cada ano acompanhei as transmissões do festival, realizando pesquisas sobre o tema, considerando essa experiência como o “olhar do estrangeiro”, que analisa a cultura diferente da sua, focando nas interações entre a cultura do carnaval e os Bois-bumbás de Parintins.

Em 2022, fui escolhido como jurado do 55º Festival Folclórico de Parintins, após 17 anos esperando viver essa experiência. A magnitude do Festival e o contato com Parintins e seus moradores mudaram minha visão sobre a cultura local. Minha experiência no carnaval do Rio de Janeiro trouxe conhecimentos valiosos, mas não foi suficiente para entender como o festival, com suas mudanças, consegue impactar as pessoas e aumentar o interesse por suas f[r]estas temporais que a festividade provoca.

Levei a certeza e a esperança de um dia retornar à Ilha da Magia, aprendendo sobre os hábitos da população de Parintins. Meu retorno ao Rio de Janeiro foi cheio de aprendizados e lembranças de Parintins. O impacto cultural já tinha mudado minha perspectiva. E por forças que não enxergamos, os Orixás e os encantados fizeram com que meu barco retornasse, “enfrenta[ndo] o banzeiro nas ondas dos rios e das correntezas” (Barbosa, 1994). Em 2023, pude conhecer o Festival Folclórico de Parintins na arena do Bumbódromo e tive a honra de julgar os Bois-bumbás mirins, Mineirinho, Tupi e Estrelinha. Estava entre uma multidão vestida de vermelho e azul, observando como um espectador anônimo.

Durante as semanas que antecederam o festival, vivi o cotidiano dos moradores. As minhas caminhadas pelas ruas se tornaram um estudo visual, onde observei como as pessoas se relacionam com seus objetos de devoção. Minhas memórias foram importantes para formar minhas experiências pessoais, culturais e acadêmicas, e essa pesquisa utilizou a [auto]biografia como forma de analisar as



culturas de Parintins e sua movimentação nos espaços. Compreendo da mesma forma que Abraão (2003, p. 79) afirma quando afirma que “a memória do narrador (reconstrutiva da significação de suas vivências) e os instrumentos da análise e interpretação do pesquisador são elementos que se imbricam e complementam para melhor compreensão de dimensões da realidade”.

Trato o mergulho pelas ruas de Parintins como o início do meu ingeramento²; ou seja, as transformações do olhar do sujeito inserido na cultura aconteceram com meu contato com os sujeitos celebrantes e seus hábitos se tornaram cada vez mais intrínsecos à minha existência na Ilha de Tupinambarana. Cabe ressaltar que a utilização do termo f[r]esta tornou-se uma forma de identificar as diversas camadas de saberes ainda não analisadas nas festividades brasileiras e, especificamente, parintinense.

Independentemente das explicações para seu uso, as f[r]estas funcionam como pequenas aberturas que provocam e revelam formas, vozes, saberes-fazeres artísticos, construindo a polifonia de ritos urbanos, rurais, religiosos, culturais e festivos. Da mesma forma considero as f[r]estas como festas, conforme o saudoso professor Carlos Rodrigues Brandão em *A cultura na rua* (1989), são memórias que alguns seres humanos teimam em esquecer. As festas são camadas de lembranças, narrativas e vozes que abrem frestas temporais, imagéticas e materiais, representadas por sujeitos que celebram objetos. Esses elementos celebrados fazem parte da vida de muitos grupos sociais e são impossíveis de serem explicados somente pelos textos.

A proposta desta comunicação explora a conexão entre festividades e as novas ideias que surgem com o tempo. Examino como diferentes significados se relacionam com as áreas artística, religiosa, pedagógica e cultural, com ênfase na pedagógica. Para entender os conhecimentos sobre os bois-bumbás, destaco tanto o aprendizado acumulado ao longo dos anos quanto as propostas e conhecimentos atuais. Como professor no curso de Licenciatura em Artes Visuais do ICSEZ da

² Conforme Maria Audirene de Souza Cordeiro, em *Canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e de cura na cidade de Parintins (AM)* (2017), explica que existe uma alternância fonética entre o ingerar e o engerar na região do Baixo Amazonas. Contudo, considera o ingerar a forma mais apropriada, respeitando as oralidades de seus interlocutores.



UFAM, explico a base da minha pesquisa com apoio no Projeto Pedagógico do Curso, que trata o Festival Folclórico de Parintins como um

fator relevante para as características encontradas no corpo discente do curso [...] composto (no que pode ser observado até a turma ingressante no segundo semestre de 2011) por estudantes que trabalham ou tem relacionamento estreito com pelo menos uma das organizações [bois-bumbás] (UFAM, 2009, p. 10).

Para compreender os atravessamentos artísticos-culturais, aplico os estudos da História Cultural³ (Burke, 2008) e das abordagens dos objetos dentro da História Cultural de Barros (2013) — dos saberes que abrigam múltiplas possibilidades de abordagem dos objetos atualmente estudados: os Bois-bumbás de Parintins, entre suas práticas, padrões, processos, sujeitos e agências. A amplitude das abordagens da história cultural abre um campo diversificado de discussões e reflexões, seja pela contribuição das “práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, **sistemas educativos**⁴, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de cultura” (Barros, 2013, p. 55).

O Festival Folclórico de Parintins é uma celebração significativa que atrai milhares de pessoas para a Ilha da Magia, a 360 km de Manaus. Realizado nos últimos três dias de junho, o festival tem como protagonistas os Bois-bumbás, que apresentam performances temáticas em três noites. O Boi Caprichoso, de cor azul e estrela na testa, e o Boi Garantido, de cor vermelha e coração na testa, representam tradições folclóricas e também delimitam espaços públicos e privados na cidade.

2 O PESQUISADOR-ESPECTADOR INGERADO

Em 2024, já no exercício das minhas funções como docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais, realizei outros mergulhos nas águas-culturais do rio

³ Peter Burke, em *O que é a história cultural?* (2008), esclarece a necessidade de um olhar para a história cultural a partir do período pós-colonial, quando a “oposição binária entre o Oriente e o Ocidente do pensamento ocidental” no sentido distinto de escrever a história a partir da ótica do “eles” e no deslocamento do olhar para o “nós”.

⁴ Grifo meu.



Amazonas e dos saberes-fazeres da região. Durante a *Semana Acadêmica de Artes Visuais* houveram várias atividades com a participação de alunos e professores. Um destaque foi o dia 07 de maio, onde houve uma mesa sobre Cultura, diversidade e políticas culturais, com convidados como Marcos Moura, Orlan Bertrant do Movimento Cultural Grito na Periferia e Grayce dos Santos representante do Boi-Bumbá Mirim Mineirinho.

A história do Boi-bumbá Mirim Mineirinho despertou meu interesse que é atravessado pela educação. Este surgiu na década de 1970 para proporcionar diversão às crianças, longe dos confrontos violentos entre os Bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Nesse tempo, as disputas entre os grupos aconteciam na rua ou tentando invadir o espaço do outro. O Festival Folclórico de Parintins foi criado em 1965. A criação do Boi-bumbá Mineirinho, atraiu, conforme explica Grayce dos Santos (2025)⁵, a atenção de familiares e outros pais para levar suas crianças para brincar nesse boizinho também, pois o mesmo foi criado aos moldes dos Bois grandes.”

Cabe ressaltar que os Bois-bumbás geralmente nascem de uma promessa para algum santo católico. Conforme, Getúlio Cesar, em *Crendices: suas origens e classificação* (1975, p. 138), ao cumprir o prometido, vem do “momento que se faz um pedido a um santo ou entidade milagreira”. Diante das narrativas que giram em torno do nascimento dos Bois-bumbás de Parintins⁶, percebo que alguns pedidos estão relacionados diretamente aos grupos que celebram os Bois⁷, tornando-os entidades milagrosas. Por este motivo, considero os Bois-bumbás como objetos de devoção.

O caráter cultural-pedagógico dos Bois-bumbás é reconhecido antes das pautas que abordam as questões de gênero e raça eram debatidas. No livro *História e memória política do município de Parintins. Volume III (1977-1988)*, encontrado na

⁵ Entrevista gentilmente cedida. O Boi-bumbá Mineirinho foi criado pela mãe de Grayce dos Santos e pela geração, a devoção e os ensinamentos orais e de memória, são perpetuados pela sua filha Deborah Gabriele, atual Presidenta de Arte do Boi-bumbá mirim Mineirinho.

⁶ Além dos Bois-bumbás reconhecidos e legitimados, existem o Boi Campineiro, os Bois Mirins Mineirinho, Tupi e Estrelinha. Outras festividades acontecem durante o mês de junho e julho, como as Quadrilhas Juninas e as Pastorinhas. O festival de Mocambo do Ariri, um distrito que faz parte do município de Parintins, existem os Bois-bumbás Espalha Emoção e Touro Branco, os Pássaros Jaçanã e Pavão Misterioso e das quadrilhas juninas. Em outro município próximo de Parintins, Barreirinha, existem os Bois-bumbás Touro Branco e Touro Preto e no Distrito de Nova Maracanã os Bois-bumbás Cacao e Tira Prosa

⁷ Para tratar do boi enquanto objeto cultural, utilizo como nome próprio, devido sua importância para sociedade.



Ata dos Vereadores de 1982/1983, onde ressalta os Bois-bumbás “em termos de **educação**⁸ e cultura” (Andrade, 2012, p. 356) a importância de valorização dos artistas da região de Parintins, demonstra uma preocupação com o festival e seus benefícios acima dos lucros obtidos. A festa dos Bois-bumbás reescreveu identidades, rituais e símbolos, evitando que os participantes e o evento fossem vistos como violentos, ao reinventar tradições. Segundo Brandão (1989), esse processo no Festival Folclórico de Parintins cria um espaço simbólico que separa o que deve ser esquecido, como a violência, do que deve ser lembrado e celebrado.

Os Bois-bumbás de Parintins alcançam patamares maiores do que a competição na arena entre Caprichoso e Garantido. Pelas f[r]estas temporais percebo a dinâmica da festividade e seus desdobramentos no campo da educação. Ao indagar a Presidenta de Arte do Boi-bumbá Mineirinho, Deborah Gabriele (2025)⁹, sobre de que forma os Bois contribuem na educação das crianças-brincantes, ela responde que o brincar de Boi “faz com quem eles aprendam a valorizar a cultura na qual eles fazem parte”. Concluo, que os objetos de devoção, tornam-se objetos de educação, pois a construção de um ambiente onde o “respeito é totalmente incentivado dentro da Associação para [e] com os outros colegas e participantes do Boi, assim como para com os rivais de arena (Bois contrários¹⁰)”.

Dessa forma, destaco que existe uma pedagogia em cada Boi-bumbá que busca cuidar dos brincantes durante os ensaios e apresentações. Segundo Deborah Gabriele, há uma forma de educação informal que liga o conhecimento acadêmico ao conhecimento prático. Além disso, a discussão aponta para outras formas de entender como os Bois-bumbás desenvolvem sua própria pedagogia não-formal.

3 O QUE OS BOIS-BUMBÁS ENSINAM

O olhar ingerado do pesquisador buscou aprender sobre as relações culturais e sociais no rio Amazonas, focando nos Bois-bumbás e seu valor para o conhecimento

⁸ Grifo meu.

⁹ Entrevista gentilmente cedida pela artista e discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

¹⁰ Contrário é a forma usadas pelos brincantes para não falarem os nomes dos seus rivais.



e análise. Trato minha construção como um pesquisador-docente, imerso na cultura de Parintins, como ações no coletivo que moldam a organização do sistema. Identifico como os Bois de Parintins se conectam à educação, tanto inserindo a cultura bovina nas escolas quanto proporcionando modelos de aprendizado. As práticas pedagógicas vão além das salas de aula, desafiando modelos tradicionais de educação. A interação constante entre educadores e educandos é essencial. Paulo Freire (2023) destaca que educadores e educandos devem se envolver mutuamente. A incorporação das práticas culturais dos Bois-bumbás nas escolas pode facilitar a aprendizagem. Logo, os Bois-bumbás não podem ser encarados nas escolas apenas como práticas festivas onde a dança e a toada¹¹ animando o público. Seu papel vai além dos passos ou coreografias dos Itens¹² que disputam na arena a pontuação máxima.

A partir das vivências com os bois-bumbás de Parintins vejo que elas mostram várias camadas culturais e promovem encontros e diálogos entre diferentes saberes, costumes e tradições. Esse encontro representa a interculturalidade, que é uma relação ativa e transformadora entre as culturas. No cotidiano dos currais, das escolas e das ruas, os saberes-fazeres dos sujeitos celebrantes — Mestres¹³, educadores, artistas e brincantes — constroem pontes que atravessam a oralidade, a ancestralidade e as experiências do município. Os bois-bumbás de Parintins ensinam por meio do afeto, do corpo, da memória e da oralidade possibilitam reconhecer e valorizar a diversidade, que é essencial para a educação e a cidadania.

A dinamicidade cultural dos bois-bumbás de Parintins mostra a forte conexão entre cultura, educação e espaço urbano. Os Bois, como símbolos, também funcionam como sistemas de ensino¹⁴, ajudando na transmissão de saberes culturais

¹¹ Toada é o ritmo musical que embala o Festival Folclórico de Parintins.

¹² O termo Item, refere-se aos 21 elementos que constituem o Festival Folclórico de Parintins: Apresentador, Amo do Boi, Levantador de Toadas, Bois-bumbá, Cunhã Poranga, Rainha do Folclore, Sinhazinha da Fazenda, Pajé, Porta-Estandarte, Vaqueirada, Tuxauas, Toada, Galera, Alegoria, Ritual Indígena, Povos Indígenas, Figura Típica Regional, Celebração Folclórica, Lenda Amazônica, Coreografia e Organização do Conjunto Folclórico.

¹³ Os Mestres são considerados os sujeitos pertencentes às culturas que detêm e transmitem saberes, fazeres, ofícios e práticas de seus territórios sociais. São guardiões da memória e das identidades culturais de uma região.

¹⁴ O sociólogo Pierre Bourdieu, em *Economia das trocas simbólicas* (2015, p. 295-336), trata das relações entre as reproduções culturais e sociais por intermédio do sistema de educação.



de gerações passadas. Na Ilha de Tupinambarana, famílias mantêm tradições de festividades e bois-bumbás por gerações. A família Medeiros inclui avô, pai e filho, que compartilham saberes no dia a dia. Caetano Medeiros, atualmente Amo do Boi-bumbá Caprichoso, acredita que brincar de Boi¹⁵ ajuda na cognição, autoestima, criatividade e responsabilidade com a “herança cultural e com a preservação da nossa terra e história”.

Da mesma forma, seu filho, Theo Medeiros¹⁶, o curumim de 9 anos, compreende que os Bois-bumbás de Parintins conseguem deixar as “crianças felizes e brincarem”. Leio as declarações sobre o brincar entre pai e filho e lembro das palavras de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, que fala sobre a relação entre brincar e a vida real. Caetano Medeiros, quando criança, brincou de Boi com seu pai, Inaldo Medeiros. Hoje, Theo Medeiros continua essa tradição, brincando de Boi-bumbá e mantendo viva a devoção a essa prática.

Dando continuidade as “confluências de saberes” (Bispo dos Santos, 2023), deste vai e vem de afetividade, [re]invenções e festividades, que pai, filho, e avô, eternizam toadas-memórias, tornam-se prendizados-saberes que estão além das salas de aula. Para o apresentador dos bois-bumbás Mirim Estrelinha, Tribo Munduruku Mirim e Mini Boi Caprichoso, Theo Medeiros, o talentoso e estudioso aluno, afirma que o “Boi-bumbá é uma brincadeira, mas também um educandário”. Percebo, pela suas falas, sua postura de uma criança que brinca, o saber da responsabilidade escolar na mesma intensidade de quando está na apresentação na arena. Conforme relata seu pai, ao ser indagado sobre as responsabilidades:

A primeira e mais importante que ele esteja feliz e confortável nesse lugar, pois desde o início de tudo foi muito natural, foi e é sempre uma escolha dele. Em nosso caso (dos pais) como ele já carrega uma responsabilidade muito grande, ele busca estar bem em todas os setores da sua vida, como a escol, o cuidado com a saúde física e mental. (Caetano, 2025)

¹⁵ Expressão comum que faz referência as manifestações bovinas. A entrevista foi gentilmente cedida pelo pai, compositor e Amo do Boi-bumbá Caprichoso.

¹⁶ A entrevista ao pequeno Theo Medeiros foi autorizada pelo seu pai Caetano Medeiros e gentilmente compartilhada para a pesquisa.



Theo Medeiros menciona que os Bois-bumbás ajudam em seus estudos, especialmente na leitura e interpretação, o que o torna um bom apresentador e estudante. Ele observa que, em sua escola, o contato com a cultura dos bois-bumbás ocorre apenas em eventos anuais, como festas juninas ou agostinas. Theo vê os ensinamentos dos Bois-bumbás como compartilhamentos afetivos, refletindo a conexão entre passado, presente e futuro, segundo a visão de Nego Bispo. O pequeno apresentador Theo Medeiros espelha-se no seu pai, o Amo do Boi-bumbá Caprichoso Caetano Medeiros, que um dia espelhou-se nos fazeres do seu pai, o compositor de toadas do Boi-bumbá Garantido, Inaldo Medeiros. São três gerações na confluência de saberes, que carregam afetos e oralidades, como cita Caetano ao recordar do seu pai, onde nutriam uma “amizade gigante, [onde] nossas conversas eram na mesma intensidade, como meu pai aprendi muito” (Medeiros, 2025).

Os Bois-bumbás ajudam a restabelecer a ordem social por meio de festas em grupo (Freire, 2023). Essas celebrações criam laços afetivos e transformam o cotidiano. Considero os Bois-bumbás como educadores fora das salas de aula, onde todos aprendem sobre diversidade e cultura. As toadas e danças são ocasiões de aprendizado e coletividade, envolvendo pessoas de diferentes idades. O brincar de Boi é uma forma de aprendizado que acontece em terreiros e nas ruas, refletindo a diversidade das falas sobre problemas sociais. Ele ensina em espaços abertos e cria novas maneiras de expressão para pessoas muitas vezes invisíveis, permitindo que elas assumam o controle de suas vidas e experiências. Essa prática envolve escutar constantemente os participantes, respeitar suas individualidades e demonstrar carinho e acolhimento aos brincantes.

Desta forma, considero a pedagogia dos Bois-bumbás de Parintins, como espaços dos sujeitos e dos objetos, ocupando temporalidades e territórios. Assim foi com o mini Boi-bumbá Garantido, criado em 1990, pelos irmãos Francijaner Mattos e Franacijuner, conhecidos como Janer e Juner, respectivamente com 5 e 7 anos, no quintal de sua casa, como aponta Neff Thales (2025)¹⁷, presidente do mini Boi-bumbá Garantido, “como uma brincadeira de criança levada pela imaginação e inspiração dos Bois Bumbas de Parintins, Garantido e Caprichoso”.

¹⁷ Entrevista gentilmente cedida do presidente do mini Boi Garantido em 2025.



A criação do mini Boi-bumbá surgiu devido à proibição de crianças no Bumbódromo durante as apresentações. As crianças começaram a fazer seu próprio "boizinho para brincar" com objetos encontrados em casa, recriando as práticas culturais dos adultos de maneira lúdica (Nego Bispo, 2023). Segundo Neff Thales (2025), crianças usavam materiais simples como penas, caroços e barro. O mini festival rapidamente ganhou adeptos e, hoje, é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Ministério da Cultura e IPHAN¹⁸, representando a fusão de saberes.

O brincar de mini Boi tem sua apresentação na arena, onde disputa com outro mini Boi, o Caprichoso. Mas, alcançam outros espaços formais como “escolas das zonas rurais”, com os Itens mirins Apresentador, Amo do Boi e Levantador de Toadas acompanhados dos respectivos responsáveis. O presidente Neff Thales (2025), complementa que para participação das crianças nos eventos estejam “presentes na escola, frequentem as aulas corretamente, tendo um comportamento de excelência como aluno, tanto no seu comportamento em casa também, sendo uma boa criança com os seus pais, familiares e em todo o meio social”.

Os Bois-bumbás têm suas próprias formas de ensinar, baseadas nos lugares, saberes e experiências das pessoas, compartilhando afeto e socialização. Antigamente, o Boi era feito de flores, mas agora é feito de pano, espuma e isopor, mudando com a cultura e a cidade. Ele evoluiu de uma brincadeira para um cortejo, passou por uma fase violenta e foi influenciado pela igreja e interesses financeiros, mas continua a encantar pessoas de todas as idades.

Da mesma forma, os Bois que aprenderam também ensinaram através das danças e toadas, cores e signos, memórias e oralidade, tradições e modernidades, insere-se os Bois como educadores e educandos. Por pedagogias dos Bois-bumbás e os Bois-bumbás como pedagogias das ruas, dos quintais, currais e arenas. Por outros mergulhos na pororoca cultural-pedagógica dos Bois-bumbás de Parintins, miniatura, escolares, de quintais, dentro e fora das escolas, compartilhamentos, vozes e histórias. Brincadeiras.

¹⁸ A reportagem: 23º Festival dos Bois-Bumbás em Miniatura entra para a história com título de Patrimônio Cultural do Brasil, encontra-se disponível em: <https://www.panoramaparintins.com/2025/08/23-festival-dos-bois-bumbas-em.html> . Acesso em: 17 set 2025.



4 PROVOC[AÇÕES] FINAIS

As considerações finais são vistas como provocações finais, permitindo diferentes análises e compreensões. A comunicação destaca a importância das vozes não ouvidas, especialmente das histórias dos Bois-bumbás. A ideia dessa comunicação é comparada a um Auto que se repete anualmente a partir de outras frestas da festa polissêmica, começo-meio-começo de Nego Bispo.

Durante a construção textual percebi outras fissuras fenomenológicas entre os sujeitos celebrantes e os objetos celebrados, transformados em notas de rodapé e tantas referências teóricas citadas. Por falta de páginas, imagens circulam entre as linhas da comunicação, necessitando de espaços para serem vistas. Sem dúvidas, a comunicação construída a partir das percepções e análise de um sujeito pesquisador-celebrante, muitas vezes em primeira pessoa, foi uma representação das vozes dos sujeitos detentores dos saberes-fazer e dos habitantes que circulam na cidade, mantendo relações intrínsecas com seus territórios. Das ruas, comércio, quintais, currais, demarcados por cores, existências e [re]existências, bases essenciais para interpretações e valorização dos olhares sobre a cultura parintinense.

As interfaces reconhecidas entre a cultura, a cidade e a educação, percebo que os Bois-bumbás de Parintins transitam em todos os espaços institucionalizados e não-institucionalizados, desempenham funções pedagógicas que ultrapassam metodologias tradicionais. São pedagogias que transgridem a lógica das carteiras escolares enfileiradas, da lousa, dos cadernos e livros carregados de atividades e do professor como autoridade máxima. Como dito anteriormente, as considerações finais serão tratadas como provocações. Desse modo, lanço minha provocação para os futuros leitores e pesquisadores.

Indubitavelmente, os Bois-bumbás de Parintins possuem as ferramentas necessárias para que curumins e cunhatãs cresçam aprendendo aspectos importantes de suas culturas, ao mesmo tempo que são educadas a respeitarem as diferenças, construam pontes de coletividade e solidariedade com o próximo.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, César Getúlio. **Crendices: suas origens e classificação**. Rio de Janeiro: MEC, 1075.
- ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2002.
- ANDRADE, Larissa da Silva. **História e memória política do município de Parintins. Volume III (1977-1988)**. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012. Disponível em: <https://www.parintins.am.leg.br/documentos/documentos-diversos/historia-e-memoria-politica-do-municipio-de-parintins-volume-iii.pdf> . Acesso em: 17 abr 2025.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especificidades e abordagens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Ronaldo. **A saga de um canoeiro**. Parintins: Boi-bumbá Caprichoso, 1994. Disponível em: <https://jornal.unifal-mg.edu.br/saga-de-um-canoeiro-uma-jornada-musical/> Acesso em: 17 abr 2025.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus Editora, 1989.
- BRASIL. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, 2009**. Disponível em: <https://icsez.ufam.edu.br/cursos-de-graduacao/artes-visuais/ppc.html> . Acesso em: 17 abr 2025.
- BURKE, Peter. **O que é a história cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **Canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e de cura na cidade de Parintins (AM)**. 2017. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Amazonas, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5759> . Acesso em: 17 abr 2025.
- FREIRE, Oliver. **23º Festival dos Bois-Bumbás em Miniatura entra para a história com título de Patrimônio Cultural do Brasil**. Panorama Parintins. Disponível em: <https://www.panoramaparintins.com/2025/08/23-festival-dos-bois-bumbas-em.html> . Acesso em: 17 set 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 87ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.